

PESQUISA. Presidente da Fapeal diz que o Estado também deve sediar mais eventos científicos

'AL precisa ampliar sua massa crítica para continuar a crescer'

CARLA SERQUEIRA
REPÓRTER

Professor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), graduado em Ciências Econômicas e doutor em Administração, Fábio Guedes preside a Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (Fapeal) em meio à crise financeira que assola o País com um orçamento de R\$ 13 milhões anuais. Ele usa a palavra "desenvolvimento" em toda resposta que elabora. Ontem, em seu gabinete, ele recebeu a Gazeta para explicar como, em meio às dificuldades econômicas, fomenta a pesquisa no Estado de significativa parcela analfabeta. O crescimento da "massa crítica" alagoana é o objetivo que mais persegue. Para isso, investir na formação de doutores e na interiorização da ciência e da tecnologia é um dos principais desafios que enfrenta. Nesta entrevista, ele explica como o órgão consegue financiar projetos que visam resolver os problemas sociais de Alagoas e abrir caminho para o desenvolvimento econômico.



Quais são as pretensões do governo com a pesquisa?

Primeiro, fazer com que a Fapeal invista em Ciência e Tecnologia e desenvolva pesquisas para solucionar os grandes problemas de Alagoas. As pesquisas precisam ter aplicabilidade na ponta. Segundo, atender, sem distinção, todas as instituições que fazem Ciência e Tecnologia no Estado. Antes, no raio de ação da Fapeal, apenas a Ufal chegava a absorver mais de 95% dos recursos. Apesar de a Ufal ser uma instituição forte, a maior do Estado, ter o maior número de doutores e de pós-graduação, tem outras instituições. A Ufal é importante e não podemos tratá-la igual às demais instituições, porque as diferenças são brutais. A ideia não foi diminuir os recursos para a Ufal, mas aumentar o raio de ação da Fapeal para que a fundação pudesse estender suas políticas para outras instituições, priorizando as universidades estaduais: a Uneal e a Uncisal. Passamos a atender também à demanda do setor universitário que não é público e que tem obrigação de fazer Ciência e Tecnologia, representado pelos centros universitários Cesmac e Unit. São centros que têm mestrado e doutorado. Mas não ficamos só nisso. Tem outras instituições que fazem pesquisa, como a Embrapa, no campo agropecuário, e o Instituto do Meio Ambiente. Estamos atendendo a todas estas instituições, de acordo com a capacidade de cada uma, sem distinção.

Mas com que objetivo?

Reaproximar o mundo da pesquisa científica das políticas do governo para que elas possam ter aplicabilidade na sociedade alagoana. Outro objetivo é democratizar as ações da Fapeal e popularizar a Ciência e a Tecnologia, para que esse tema não seja exclusivo dos cientistas.

Que tipo de conhecimento científico Alagoas precisa prioritariamente?

Temos várias prioridades. Um exemplo é a saúde. A Fapeal já é considerada uma das fundações do Brasil que melhor executa o Programa de Aprimoramento da Pesquisa para as Políticas do SUS, chamado de PPSUS. Nós já estamos aperfeiçoando PPSUS para 2017 e 2018. Muitas fundações não conseguiram sequer rodar o programa, seja por problemas de recurso, de gestão, ou por falta de sensibilidades dos governos em apoiar com recursos. O novo edital já foi lançado este ano e vai contemplar vinte pesquisas com R\$ 2 milhões, ao longo de dois anos. Dentro desse edital, temos áreas muito específicas e uma delas, muito importante para nós, é o tratamen-

to das vítimas do zika vírus. Temos várias famílias que têm crianças com microcefalia, mas o tratamento ainda não está aperfeiçoado no Brasil. São famílias que podem ter alto índice de rejeição da criança, que não sabem as consequências do problema, não sabem lidar com a situação, que precisam de tratamento psicológico e social. É um problema interdisciplinar e não só de saúde. Esse edital do PPSUS, por exemplo, vai desenvolver pesquisas para melhorar e aperfeiçoar o tratamento destas famílias. Já o diagnóstico e o combate da doença ficam no âmbito federal, que tem muito mais recursos.

Na última semana, o governo aportou R\$ 4,3 milhões em vários editais. Que outros retornos se espera desses investimentos?

Atrair para Alagoas eventos científicos acadêmicos pode ser outro exemplo. Sabemos que Alagoas é um Estado promissor na área turística, mas tem época que o turismo recua. E para ajudar a manter o setor aquecido, entre 2015 e 2016, a Fapeal já fomentou a realização de mais de 60 eventos, alguns deles com duas mil, três mil pessoas. E esses eventos não se concentram apenas em Maceió. Já aconteceu em Japaratinga, em União dos Palmares, Delmiro Gouveia. Vai acontecer ainda esse ano mais um Penedo. E em 2018, Alagoas vai sediar a 70ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. O SBPC é um evento que reúne em média dez mil inscritos. É o maior evento de Ciência e Tecnologia da América Latina, com a participação de mais de três mil sociedades científicas.

A Fapeal também investe na participação de pesquisadores em eventos fora de Alagoas. Qual o benefício dessa ação para o Estado?

Quando um professor de Alagoas ou um aluno do mestrado ou do doutorado tem um trabalho científico aprovado num evento nacional ou internacional ele tem que ir. Não é só para mostrar que ele tem competência de escrever um trabalho científico, é porque cada apresentação de trabalho compõe os indicadores dos programas de pós-graduação em Alagoas. Com a organização de eventos e a participação de pesquisadores com trabalhos aprovados em eventos nacionais e internacionais, estamos incentivando a melhoria do sistema de pós-graduação do estado, fazendo com que os indicadores cresçam. E com os indicadores crescendo, podemos atrair muito mais estudantes para o nosso sistema e mais recursos do governo federal.

FÁBIO GUEDES
PRESIDENTE DA FAPEAL

"Temos hoje 38 mestrados e 16 doutorados. A perspectiva é que nos próximos anos os cursos de mestrado saltem para 50 e os de doutorado para pelo menos 23. Com isso, a gente começa a ter uma massa crítica em Alagoas. Sem ela, é impossível ter Ciência e Tecnologia"

Há perspectiva de aumentar os cursos de mestrado e doutorado em Alagoas?

Temos hoje 38 mestrados e 16 doutorados. A perspectiva é que nos próximos anos os cursos de mestrado saltem de 38 para 50 e os de doutorado de 16 para pelo menos 23. Com isso, a gente começa a ter uma massa crítica em Alagoas. Sem essa massa crítica é impossível ter Ciência e Tecnologia. Você pode dizer que no Estado já existem várias áreas de desenvolvimento tecnológico, mas é uma experiência exitosa aqui ou ali, são só lampejos. É preciso permitir que haja um dinamismo muito maior, um ambiente para além de alguns lampejos, tanto na área mais técnica como também nas áreas das Ciências Sociais e Humanas, da Saúde, no campo biológico. A gente precisa aumentar este espectro.

De que forma as Ciências Humanas são contempladas?

Investir em Ciência e Tecnologia não significa contemplar apenas o desenvolvimento técnico, instrumental e de equipamentos. Na área das Ciências Humanas e Sociais, há o desenvolvimento de tecnologias sociais. Por exemplo, quando você desenvolve uma metodologia de trabalho ou um projeto de pesquisa que vai desembocar na criação de um banco comunitário e esse banco vai permitir que uma comunidade pobre faça negócios, faça trocas e ganhe maior capacidade de sobrevivência sem passar pelo manuseio do dinheiro tradicional, isso é tecnologia. Em Arapiraca, já há um grupo de pesquisadores na área da economia solidária, que está desenvolvendo projetos de tecnologia social. Outro exemplo é, na área de ciências humanas, o desenvolvimento de metodolo-

gias de aprendizado que agregam ainda mais os alunos nas atividades rotineiras da escola. Isso também é tecnologia. Tecnologia não é só informática. A produção de energia a partir de biodigestores, as ciências agrárias também desenvolvem tecnologias. Temos um escopo muito grande. Na verdade, sem ciência não há tecnologia. Vamos deixar dessa ilusão de que a tecnologia é fruto do desenvolvimento da ciência produzida por alguns professores pardais. Não é. A tecnologia exige tempo, experiência e método científico.

Considerando que a segurança pública é um desafio que ultrapassa governos, existe interesse de fomentar pesquisa científica nessa área?

Estamos formatando um programa nos mesmos moldes do PPSUS. É o Programa de Pesquisa para o Aprimoramento das Políticas de Segurança, que chamamos de PPSEG. Qual é a grande dificuldade? Como qualquer outro programa, ele precisa de apoio político e de aporte financeiro. A grande dificuldade é que precisamos sair da caixa, pensar política de segurança pública para além do padrão comum, que é o combate, a inteligência, a prisão. Precisamos pensar a segurança integrada. Esse programa seria iniciado com oficinas entre a comunidade científica acadêmica e os atores que fazem a segurança pública. Essas pessoas, comunicando-se entre si, trariam à tona as prioridades diárias para os estudos com soluções através da pesquisa. A ideia é fazer um edital e priorizar pesquisas que possam contribuir para aumentar a capacidade de conhecimento e de maior ação do aparato de segurança pública no Estado.

Mas há resistência?

Como é algo muito novo, estamos acostumados ao padrão comum de política de segurança pública. Precisa ainda de muito diálogo, muita conversa entre todos os envolvidos, para convencer da necessidade da pesquisa no campo da segurança pública e da prevenção à violência. E também para convencer de que são necessários recursos para os estudos. A gente não pode somente imaginar que recurso para segurança pública seja somente para viaturas, motos, armamentos, colete, munição. É preciso aprimorar a forma e a capacidade de fazer política pública. Esse PPSEG está sendo formatado, já sentamos com o secretário de segurança pública, ele foi muito compreensivo. Já estamos com um grupo de pesquisa dentro da secretaria de prevenção à violência, liderado por dois professores da UFAL. O

grupo está produzindo relatórios, diagnósticos, mas ainda é insuficiente. É preciso integrar muito mais pesquisadores numa linha interdisciplinar para poder dar maior contribuição à segurança pública e à prevenção da violência em Alagoas.

Nos últimos anos, as universidades investiram na interiorização. A Fapeal está conseguindo acompanhar este movimento?

Alagoas tinha, doze anos atrás, cinco doutores para cada 100 mil habitantes. Com o processo de interiorização, com a criação de novas instituições e unidades, e com a recomposição de quadros, saltamos de cinco doutores para cada 100 mil habitantes para 41 doutores em menos de doze anos! O Nordeste saltou de sete doutores por 100 mil para 47,1. No Brasil, nós tínhamos 29 mil pesquisadores doutores e 58 mil pesquisadores, isso em 2002. Em 2014, saltamos para 200 mil pesquisadores e, nesse universo, 141 mil doutores. Saltamos de 29 mil para 141 mil doutores. Foi talvez um dos maiores esforços na contemporaneidade de formação de pessoas no mundo. Então quando você vai observar, onde está o contingente de doutores de Alagoas? Uma parte considerável está distribuída no interior.

E chegam recursos para eles?

Foi para os doutores que moram no interior que, recentemente, lançamos um edital de auxílio à pesquisa, para que tivessem acesso a recurso e fizessem pesquisa de onde estivessem. São doutores que não estão na pós-graduação, que não contam com recursos do governo federal. Desse edital, de R\$ 800 mil, recebemos 116 propostas. Selecionamos 64 e dessas 64 propostas, quase 60% foram do interior de Alagoas. Por exemplo, Penedo. Penedo tem um grupo de pesquisadores, quase todos doutores, em torno de uns doze a quinze, mas lá não tem pós-graduação. Foram aprovados oito projetos para Penedo. Esses oito projetos, quando você vai somar o todo, dá um volume razoável de recurso. Com esses recursos, eles podem compor equipamentos, laboratórios, criar grupos de pesquisa. Isso alimenta toda massa crítica, a produção científica e tecnológica e, um pouco mais na frente, eles estarão preparados para criar uma proposta de mestrado. Então, atender esses doutores do interior é muito importante. E evidente que quando se faz esse movimento, você permite com que esses professores corram atrás de alunos para trabalhar com pesquisa, e assim você está popularizando a ciência onde a ciência nem existia. ☺